

*Estrutura e constituição da clínica psicanalítica –
uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*
Christian Ingo Lenz Dunker
São Paulo: AnnaBlume, 2011, 658 págs.

Em defesa da clínica

Leandro Alves Rodrigues dos Santos

769

Certa vez, durante um congresso do campo lacaniano, Antonio Quinet alcunhou Christian Dunker como um epistemólogo da psicanálise, fazendo uma referência elogiosa aos esforços constantes que esse autor empreende no sentido de ampliar as significações acerca dos conceitos psicanalíticos que, quando tomados apressadamente e de forma superficial, podem levar a equívocos ou limitações. O elogio parece justo, pois, com isso, Dunker promove um salutar exercício de problematização e crítica inteligente, desta vez tornando público um trabalho de fôlego, denso e vital para a cena psicanalítica brasileira.

Densidade que, vale dizer, não se limita apenas ao fato de que seu *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica – uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento* chegue a mais de seiscentas páginas, fato relativamente raro na bibliografia psicanalítica, mas que surge sim pela própria disposição do autor em empreender uma jornada rumo a uma dimensão pouco explorada, que diz respeito aos meandros do que Freud chamou de um tratamento pela palavra, uma prática clínica que tocasse o anímico, que promovesse mudanças estruturais para além do bem-estar do paciente. Esse aspecto ético, que atravessou o percurso de Freud na invenção da psicanálise, impulsionando-o inclusive a se afas-

tar de uma medicina mais curativa, foi bem retratado por Lacan e, principalmente, por Foucault, autores nos quais Dunker se apoia para conceber a espinha dorsal desse trabalho.

Tanto Lacan, com sua ousada releitura da obra freudiana, bem como Foucault, com sua ferramenta conceitual representada pela arqueologia do saber, demonstraram, cada qual a seu modo, as possíveis origens dos que precederam a psicanálise, desde os xamãs, feiticeiros, curandeiros, médicos e especialistas de toda ordem, alvos de variados tipos de demandas que os homens a eles endereçaram, por vários séculos. Em suas obras, também passaram em revista o que poderia haver nessas relações específicas que, por meio ou não da sugestão, acabavam por operar mudanças, milagres, curas e afins. Não é sem razão, portanto, que nasce a psicanálise, fruto de um momento histórico e dos laços característicos da subjetividade de uma época na qual Freud e sua Viena vitoriana se inseriam.

Dessa forma, o autor retrocede na linha do tempo, partindo dos gregos, que iniciaram a clínica, como Hipócrates e Platão, passando por pensadores como Santo Agostinho e Montaigne, chegando a Charcot e Pinel, mais ligados aos males da alma, num período no qual a dissociação entre corpo e mente já estava em marcha. Devemos incluir nisso também articulações com Sócrates e Alcebiades, relação prototípica da transferência, além de Descartes e suas preocupações com o método, tão crucial nas empreitadas promovidas pelos mais inquietos.

Essa parte mais histórica do livro fornece a base para Dunker assentar um tema central de sua pesquisa, o problema do *poder* na clínica psicanalítica que, se levado em consideração e tomado como objeto de análise, está presente – de forma sub-reptícia ou mais escancarada – na condição de dínamo de qualquer tratamento, podendo tingir de cores variadas um processo usualmente carregado de boas intenções, como é corriqueiro nas profissões de ajuda.

Porém, o que Dunker evidencia é que há sempre em jogo um aspecto *político*, como Foucault demonstrou em seus trabalhos que tratavam do nascimento da clínica moderna, da historicização que efetivou acerca do tema da loucura e, em especial, como isso poderia ser pensado em termos de uma engrenagem sofisticada que, em última instância, visava à domesticação dos corpos, alienação das consciências e adaptação a um sistema econômico vigente. E o psicanalista nesse cenário, como fica? Afinal, Foucault sempre manteve uma postura dúbia com relação à psicanálise, ora enaltecendo-a, ora indo no caminho contrário, dispondo-a ao lado da confissão religiosa. Nesse sentido, Dunker avançou e, mesmo que o desafio pareça hercúleo, pelo gigantismo do tema ou pela ausência de operadores que pudessem ajudá-lo, ainda assim nos oferece um panorama de suas investigações com distinções sutis, quando marca a “[...] importância de distinguir, no espectro mais amplo do tratamento (*Behandlung*) as noções de cura

(*Kur*), de psicoterapia (*Psychotherapie*) e clínica (*Klinik*)”, lembrando também que “[...] tais noções formavam zonas de compromisso como se verificou na noção de restabelecimento (*Heilung*), localizada entre a cura e a terapia, bem como a noção de saúde (*Genesung*), localizada entre a clínica e a cura” (Dunker, 2011, p. 607).

De acordo com os postulados de Dunker, há um alerta latente aos psicanalistas, advertindo-os que certos termos e conceitos necessitam ser compreendidos em uma amplitude mais abrangente como, por exemplo, na questão da cura, que pode ser limitada apenas ao termo mais trivial da medicina, ligado à remissão dos sintomas e a uma suposta homeostase do organismo ou, como Lacan também sugeria, expandida como na cura do queijo, processo intenso de transformação, ou ainda na curadoria de uma exposição artística ou na cura da tinta fresca na parede. O mesmo raciocínio valeria para a noção de tratamento, do sintoma ou de patologia, regularmente encontrados no vocabulário freudiano. Isso, ao menos em tese, proporcionaria aos psicanalistas uma ressignificação de suas práticas, de suas estratégias e do lugar que ocupam na relação com o paciente. Em suma, se há um aspecto político em questão, e se falamos de poder, como em qualquer outra relação, com o que o psicanalista teria de se preocupar para se manter fiel à tradição freudiana, de uma psicanálise leiga e independente de qualquer regulamentação ou cabresto colocado à força por algum campo de saber?

Há uma acusação que incomoda os psicanalistas, quando ouvem que suas práticas, no fundo, são moralizantes, ortopédicas ou adaptativas. Por vezes, os psicanalistas têm dificuldades de responder, faltando-lhe argumentos. Essa obra de Christian Dunker talvez possa colaborar nesse sentido, ajudando os psicanalistas a se questionarem, a repensarem a prática cotidiana, o lugar que ocupam no mundo atualmente, o que estabelecem como uma direção do tratamento de cada um que os procura, em tempos que se caracterizam por uma acentuada busca do fácil, indolor e rápido. Mais uma vez os doentes interrogam os médicos, dificultando os ideais da clínica, e não apenas da clínica psicanalítica.

LEANDRO ALVES RODRIGUES DOS SANTOS

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo – USP (São Paulo, SP, Br); Filiado ao Departamento de Psicologia Clínica (PSC) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP; Psicanalista; Professor e supervisor universitário no Centro Universitário de Santo André – UNI-A/Anhanguera (Santo André, SP, Br); Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – São Paulo (São Paulo, SP, Br).

Rua do Bosque, 286 – Vila Bastos

09040-280 Santo André, SP, Brasil

Fone: (11) 4438-8148

e-mail: leandroarsantos@uol.com.br